



**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**  
**CÂMPUS DE JABOTICABAL**  
**FACULDADE DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS E VETERINÁRIAS**  
**Departamento Zootecnia**

**CARTA ABERTA**

Jaboticabal 4 de outubro de 2016.

Exmo. Sr.  
Blairo Maggi  
DD. Ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento do Brasil  
Brasília-DF

Senhor Ministro

A preocupação com a questão do bem-estar dos animais de produção é crescente no mundo todo e, como não poderia deixar de ser, também no Brasil. Neste sentido é quase unânime o reconhecimento de que a marcação a fogo é dolorosa para os bovinos, como demonstrado nos estudos de Lay e colaboradores (1992), que encontraram evidências concretas de estresse em vacas e bezerros durante e após a marcação a fogo, além de fortes evidências de sensação de dor.

Com base nesse e em outros resultados de pesquisa, a Associação Americana de Medicina Veterinária manifestou a opinião, em 2011, de que a marca a fogo causa dor e estresse nos animais (ver [https://www.avma.org/KB/Resources/LiteratureReviews/Documents/hot-iron\\_branding\\_bgnd.pdf](https://www.avma.org/KB/Resources/LiteratureReviews/Documents/hot-iron_branding_bgnd.pdf)); como comprovado nos estudos de Schwartzkopf-Genswein e colaboradores (1997), que mostraram que o local da marca a fogo fica quente por até 168 horas após a colocação da marca, indicando inflamação local e dano à pele. É agravante o fato de que a dor não é só momentânea, segundo Tucker e colaboradores (2014) a dor produzida pela marca a fogo pode durar até 8 semanas, quando também ocorre a cicatrização da queimadura. Além da dor, há resultados de pesquisa mostrando que a marca a fogo deixa os bovinos mais reativos, tornando os manejos subsequentes mais difíceis de serem realizados (Schwartzkopf-Genswein e colaboradores, 1998).

Com base nos resultados acima apresentados e no reconhecimento de que a face é uma das áreas do corpo com maior sensibilidade a dor, entendemos que esta área não deveria ser usada para colocação da marca a fogo. Já existem várias iniciativas para banir o uso da marca a fogo na face dos bovinos. Por exemplo, nos EUA, o USDA, tem planos de banir esta prática quando utilizada para fins de controle sanitário; segundo o relato da Secretária Assistente da USDA, Sra. Patricia Jensen (disponível em <https://awionline.org/content/usdas-ban-face-branding>) enfatizou este ponto, afirmando que o USDA está comprometido em avaliar continuamente as regras para identificação, de forma a garantir que os métodos recomendados sejam tanto humanitários quanto efetivos para o controle de doenças dos animais de produção e para o propósito da saúde pública (“...We are committed to continually evaluating USDA identification requirements to ensure that our methods are both humane and effective for livestock disease control and public health purposes....”). Neste mesmo comunicado ela afirmou que, “...em função da crescente preocupação do público com relação a marca a fogo, o USDA está



considerando rever a regra de marcação na face, uma vez que ela causa estresse severo em bovinos...”.

No Brasil há iniciativas semelhantes, buscando encontrar soluções para que não seja necessária a colocação da marca a fogo na face dos bovinos. De fato, em meu entendimento, esta prática deveria ser banida para fins de registros genealógicos e de controle da vacinação de brucelose. Existem alternativas que permitem evitar a marca a fogo nesse local, a mais simples delas é a mudança do local para colocação da marca, usando preferencialmente a perna do animal para fazê-lo. Fazendo isto se minimiza a dor e o sofrimento dos animais sem desrespeitar a **Lei Nº 4.714, DE 29 DE JUNHO DE 1965**, que determina no seu Art. 1º que “...O gado bovino só poderá ser marcado a ferro candente na cara, no pescoço e nas regiões situadas abaixo da linha imaginária, ligando as articulações fêmuro-rótulo-tibial e humero-rádio-cubital, de modo a evitar os defeitos na parte do couro de maior utilidade, denominada grupon”. Esta lei não foi concebida com o objetivo de promover o bem-estar animal, mas sim de reduzir os danos causados no couro, por conta de marcação a fogo.

Uma alternativa mais progressista seria a utilização de identificação eletrônica, como ocorre no Canadá, onde está passando a ser obrigatória desde 2006 (ver <http://www.canadaid.com/>; e [http://www.canadaid.com/documents/Annual\\_Report\\_2015\\_online.pdf](http://www.canadaid.com/documents/Annual_Report_2015_online.pdf)) e também na Nova Zelândia a partir de 2012 (ver <http://nait.co.nz/assets/Consultation-documents/Consultation-Cattle-Device-Standard-July-2014.pdf>).

Enfim, acredito que é tempo para se tomar uma atitude mais progressista na definição de métodos que permitam uma identificação segura e que não cause sofrimento desnecessário aos bovinos. Por conta disto encaminho à vossa consideração a solicitação de revisão das atuais regras para identificação dos bovinos para fins de registro genealógico e de controle da brucelose, de forma a evitar a marcação a fogo na face dos animais.

Na expectativa de vossa atenção a esta solicitação, me despeço. Permaneço a disposição para qualquer esclarecimento.

Muito cordialmente,



Prof. Dr. Mateus José Rodrigues Paranhos da Costa  
Departamento de Zootecnia, Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias-UNESP  
Jaboticabal-SP

**Literatura citada**

Lay, D. C., Friend, T. H., Randel, R. D., Bowers, C. L., Grissom, K. K., & Jenkins, O. C. (1992b). Behavioral and physiological effects of freeze or hot-iron branding on crossbred cattle. *Journal of Animal Science*, 70(2), 330-336.

Schwartzkopf-Genswein, K. S., & Stookey, J. M. (1997). The use of infrared thermography to assess inflammation associated with hot-iron and freeze branding in cattle. *Canadian Journal of Animal Science*, 77(4), 577-584.

Schwartzkopf-Genswein, K. S., Stookey, J. M., Crowe, T. G., & Genswein, B. M. (1998). Comparison of image analysis, exertion force, and behavior measurements for use in the assessment of beef cattle responses to hot-iron and freeze branding. *Journal of Animal Science*, 76(4), 972-979.

Tucker, C. B., Mintline, E. M., Banuelos, J., Walker, K. A., Hoar, B., Varga, A., ... & Weary, D. M. (2014). Pain sensitivity and healing of hot-iron cattle brands. *Journal of Animal Science*, 92(12), 5674-5682.